

PERGUNTAS&RESPOSTAS

Salvador Alarcão Falcão, médico veterinário dedicado à área de Odontologia Equina**Em Portugal existem mais médicos veterinários interessados em Odontologia Veterinária equina?**

Do que conheço da realidade portuguesa, a maioria dos médicos veterinários de equinos tem formação básica em Odontologia equina. Contudo existem muito poucos dedicados a esta área. O conceito Odontologia ainda não está muito enraizado em Portugal, mas penso que, com o tempo, vai estar pois é uma área muito importante. A prevenção na área da odontologia poderá ser a chave que falta para que os problemas odontológicos possam ser reconhecidos numa fase precoce. A realidade é que, na maioria das vezes somos chamados nas situações em que efetivamente existem sinais clínicos de patologia, problemas que podem ser, muitas vezes, prevenidos.

Quais os desafios da especialidade no que respeita aos equinos?

Em Portugal, além da sensibilização dos proprietários de que os problemas odontológicos não são apenas devido às pontas de esmalte, os desafios que a Odontologia enfrenta passam pela capacidade de realizar um bom diagnóstico e isto passa, muitas vezes, pela realização de exames complementares de diagnóstico (ECD). Se conseguimos realizar consultas de odontologia periodicamente, e se a isso associarmos ECD sempre que necessário, os principais desafios ficam ultrapassados.

Os equinos têm algumas especificidades face a outros animais relativamente à Odontologia veterinária?

Além da anatomia dentária ser muito diferente de um pequeno animal, o acesso à cavidade oral é muito limitado tanto para diagnosticar, como para tratar. Para que o trabalho de odontologia possa ser bem feito, com precisão e em condições de segurança para todos, incluindo o equino, temos de trabalhar sempre com os equinos sedados e muitas vezes não é fácil encontrar um equilíbrio entre a profundidade de sedação, os seus efeitos secundários e a imobilização do equino. Muitas vezes associada à sedação temos de recorrer a bloqueios anestésicos regionais para que se possa trabalhar sem dor nos procedimentos invasivos.

20 anos”. No Brasil, as maiores exigências passam por aquilo a que Michèle Venturini chama de “fase de transição”. É que, apesar de toda a divulgação, há o outro lado da moeda. “Muitos médicos veterinários clínicos ainda estão reticentes em encaminhar os seus pacientes para um especialista por estarem desinformados em relação às implicações locais e sistémicas das afecções orais”, explica. E isto tem consequências diretas nos proprietários. “Infelizmente ainda hoje ouvimos proprietários dizer que, quando o seu cão ou gato fraturou um dente, o levaram ao médico veterinário que lhes disse que não precisariam de fazer nada com aquele dente com exposição pulpar, ou que quando procuraram o profissional clínico geral devido ao facto de o seu cão apresentar halitose, mas sem grande acúmulo de cálculo, ouviram que seria melhor esperar ficar pior para só depois tratar”.

Outro dos desafios deve-se ao facto de as doenças orais não estarem associados a sintomatologia evidente, tanto para os clínicos, como para os proprietários. “É diferente de um problema oftalmológico, no qual o paciente fica com a pálpebra fechada, com o olho a lacrimejar ou passar constantemente a pata. Estes sinais e sintomas fazem com que o proprietário perceba o desconforto do paciente e procure ajuda com o clínico. Nas afecções orais é muito difícil o paciente deixar de comer ou ficar a esfregar o focinho. Neste caso, o proprietário não percebe o desconforto”.

A médica veterinária recebe, nas suas consultas, proprietários que afirmam que os cães deixaram de gostar de ração seca e que precisam de amolecê-la para que comam ou que o seu cão fica a dormir o dia inteiro. Os pacientes assumiam que os seus animais deixavam de

gostar da ração em vez de entenderem que não conseguiram comê-la devido a dor que sentiam. “Outro desafio é fazer os clínicos e proprietários perceberem que, para se manter a saúde oral, a melhor aposta é a prevenção, sobretudo no que respeita à doença periodontal. O ideal é fazer profilaxias assim que o paciente comece a ter halitose, mesmo que o acúmulo de cálculo seja pouco e que o animal tenha apenas um ano e meio de idade”.

Apesar dos desafios que assinala acredita que, no futuro, cada vez mais pessoas estarão conscientes da importância da cavidade oral. “Na nossa rotina fazemos mais limpezas que não necessitam de extração, ou raspagens manuais apenas recorrendo ao ultrassom e polimento do que tratamentos periodontais, nos quais devemos lançar mão de técnicas mais avançadas havendo frequentemente extrações de dentes”, foca a responsável do Odontovet.

O futuro?

Com a evolução da especialidade é natural que surjam novas perspectivas e paradigmas. Para onde caminhará a Odontologia Veterinária? “O grande desafio é ser uma área reconhecida com a importância e relevo que merece, devido ao aporte que traz em benefício da qualidade de vida e saúde do animal. A odontologia e a cirurgia maxilo-facial devem tornar-se uma especialidade corrente e requisitada na nossa prática clínica diária, num futuro próximo, uma vez que as patologias são frequentes”, defende a médica veterinária do Hospital Veterinário São Bento.

A especialidade caminhará lado a lado com a evolução da Medicina e da Medicina Dentária, na opinião de Carlos Viegas: “ocorrerá uma oferta de serviços cada vez mais diferenciada,

mesmo dentro da especialidade. Esses serviços serão suportados por meios de diagnóstico cada vez mais evoluídos e por técnicas médico-cirúrgicas cada vez mais inovadoras”.

E que avanços terapêuticos ou tecnológicos faltam em Portugal na área? Carlos Viegas considera que falta “um centro de radioterapia para disponibilizar melhores opções terapêuticas aos doentes com neoplasias”. Já João Requicha, docente da FMV-ULHT a desenvolver atividade clínica e de investigação na área da Medicina Dentária e Medicina Regenerativa considera que uma opção terapêutica mais frequente a curto-médio prazo pode ser “a aplicação de abordagens de Medicina Regenerativa, como por exemplo de biomateriais de regeneração óssea ou de células estaminais em doenças orais inflamatórias (como por exemplo o complexo gengivite-estomatite-faringite felino)”. No que respeita aos proprietários, as perspectivas são positivas. “Todos eles têm mais conhecimento sobre os cuidados domiciliários de prevenção da doença periodontal, bem como educação no reconhecimento de doenças que afetam o bem-estar do seu animal, como por exemplo, de neoplasias orais, de doenças inflamatórias crónicas ou de fraturas dentárias”, avança João Requicha.

Também no Brasil se denota uma maior consciencialização relativamente ao que acontecia há 20 anos. “Hoje, com a Internet, conseguem mais informações e conhecimento levando a uma maior procura do nosso atendimento. Acredito que ainda há muito trabalho a fazer para alcançarmos o ideal. Acho que temos duas frentes para trabalhar o assunto: o médico veterinário que também precisa consciencializar-se mais e o público final”, defende Michèle Venturini.

Já relativamente ao ensino da especialidade, no âmbito do plano de estudos de algumas faculdades, “a formação de profissionais nesta área em particular tem sido promissora”, adianta Carlos Viegas. Não será pois de estranhar a aposta por parte de clínicas e hospitais veterinários portugueses na qualidade dos serviços de Medicina Dentária, “tanto sob o ponto de vista tecnológico, como de formação dos seus quadros”. Por todos estes motivos, “o futuro será certamente promissor, dada a elevada preparação e qualidade dos jovens que optaram por esta área de trabalho”, acrescenta Carlos Viegas. “Banalizar mais o tema das próteses e a utilização de biomateriais com múltiplas aplicações” seria o desejo de Patrícia Gayán para o futuro.

Armas terapêuticas

Da parte das empresas e dos laboratórios farmacêuticos há uma aposta crescente em novos produtos, equipamentos e medicamentos.

“Gradualmente vai existindo uma maior sensibilização, principalmente por parte dos donos, para a importância da saúde oral dos seus animais. Esta sensibilização vai permitindo também aos prestadores de serviços veterinários começarem a desenvolver esta área nos seus espaços de atendimento”, explica Rui Escudeiro, responsável pela Dentalvet. Considerando que existe ainda um mundo de tecnologia disponível para a Odontologia Veterinária à disposição que grande parte dos hospitais, clínicas e consultórios, refere o equipamento “Raio-X intraoral como um instrumento fundamental para o diagnóstico e tratamento nesta área. Muitas das patologias nesta área passam despercebidas sem o auxílio deste tipo de equipa-